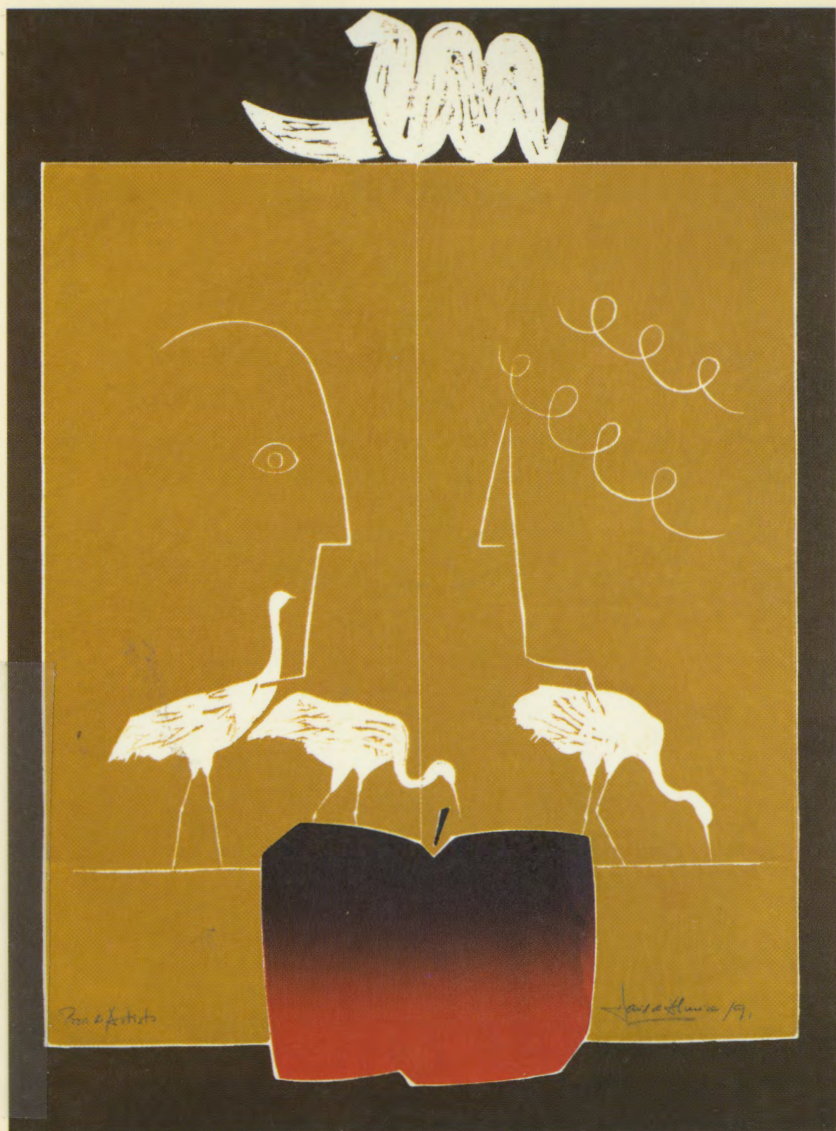


PEDRO BANDEIRA FREIRE

TEATRO

TREVAS BRANCAS • FECHADO AOS DOMINGOS
A MAÇÃ DE ADÃO • MACACOS NO SÓTÃO



Sociedade Portuguesa de Autores
Publicações Dom Quixote

PEDRO BANDEIRA FREIRE



TREVAS BRANCAS
FECHADO AOS DOMINGOS
A MAÇÃ DE ADÃO
MACACOS NO SÓTÃO

Prefácio de Luiz Francisco Rebello

SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES/PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE

LISBOA

2001

Biblioteca Nacional — Catalogação na Publicação

Freire, Pedro Bandeira, 1939-

Trevas Brancas, Fechado aos Domingos, A Maça de Adão e Macacos no Sótão
(Autores de língua portuguesa)

ISBN 972-20-1678-4

CDU 821.134.3-2“19”



Publicações Dom Quixote, Lda.

Rua Cintura do Porto

Urbanização da Matinha, Lote A, 2.º C

1900-649 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor

© 1999, Pedro Bandeira Freire e Sociedade Portuguesa de Autores

Esboços de cenário (maqueta e planta) da peça
«Fechado aos Domingos» da autoria de Octávio Clérigo

Revisão tipográfica: Francisco Paiva Boléo

1.ª Edição: Abril de 2001

Depósito Legal n.º 161 871/01

Pré-impressão: Espaço 2 Gráfico

Impressão e acabamento: Gráfica Manuel Barbosa e Filhos, Lda.

ISBN: 972-20-1678-4

MACACOS NO SÓTÃO

PERSONAGENS

RICARDO —

ROSÁRIO —

ODETE — ROSÁRIO

OTÍLIA —

ANTÓNIO —

ALEXANDRE —

RUI —

RITA —

1.º ACTO

RICARDO e ROSÁRIO

(A cena encontra-se no escuro. Do chão do palco abre-se um alçapão por onde entra uma personagem. Depois assoma a cabeça e o tronco da outra.)

RICARDO: Não se vê nada!...

ROSÁRIO: Espera só um momento. Sei onde está o interruptor. Fecha os olhos.

(acende as luzes e descobre-se um sótão. O sótão, como se imagina, tem tudo o que um sótão comporta. De armários a cadeiras velhas, baús, caixas empilhadas, cestos, teias de aranha e pó.)

ROSÁRIO: Já podes abrir.

RICARDO *(abre os olhos)* — Então cá temos o teu célebre sótão da infância...

ROSÁRIO: Talvez possa dizer que está aqui toda a minha memória. A memória de toda a minha infância e da minha adolescência.

RICARDO: Nunca percebi por que é que só agora me quiseste trazer cá.

ROSÁRIO: Isso aborrece-te de alguma maneira?

RICARDO: Não! Acho que não! Só que não entendia lá muito bem.

ROSÁRIO: Peço-te desculpa. Mas penso que há momentos para tudo. Até para isto... E pensei que era agora chegado o momento de te trazer até aqui.

RICARDO: Trazeres-me ou não, com certeza que não ia afectar a nossa relação.

ROSÁRIO: Quase com toda a certeza que não, mas a verdade é que a minha cabeça não estava preparada.

RICARDO: Tens macaquinhos na cabeça...

ROSÁRIO: Diz antes que tenho macaquinhos no sótão... Quando digo que não tinha a cabeça preparada era por não saber se poderia ou não partilhar este mundo contigo... Estás com medo de entrar?

RICARDO: Não. Estava a ver o ambiente. Em tudo isto se sente o peso do passado...

ROSÁRIO: Confessa que não estás a ser muito original...

RICARDO: Tens razão... tens razão...

ROSÁRIO: Cuidado com o último degrau...

RICARDO: Há quanto tempo ninguém vem aqui?

ROSÁRIO: Todos os meses a Senhora Mariana vem até cá. Só para ver se não há ratos e se está tudo mais ou menos em ordem.

RICARDO: Mas tu não! Nem posso crer. Uma casa destas e deixá-la assim... Nunca sentir o desejo de vir até cá, de a visitar...

ROSÁRIO: É tudo uma questão de mentalização... De pensar que não estamos preparados... Se a casa fosse tua, tenho a certeza de que procederias da mesma forma.

RICARDO: Tens aqui coisas espantosas...

ROSÁRIO: O que têm todos os sótãos... O que interessa são as recordações que essas coisas nos trazem... A nossa relação com elas...

RICARDO: Tenho a sensação de que seria outra pessoa se tivesse nascido nesta casa.

ROSÁRIO: Sim, acho que sim... Aquilo que nos rodeia quando somos jovens talvez seja o que forma a nossa personalidade.

RICARDO: Não sei se poderei dizer, mas sinto que todo este ambiente faz parte de ti...

ROSÁRIO: Acho que o podes dizer. É verdade.

RICARDO: Reconheço-te aqui...

ROSÁRIO: Deixa-te disso. Diz-me uma coisa: gostas?

RICARDO: Muito. Como de ti... Muito a sério, já disse, sinto que faz parte de ti.

ROSÁRIO: Não faz parte de mim. Sou eu.

RICARDO: Nunca tive nada assim. Quem nasceu na cidade não tem destes segredos...

ROSÁRIO: Brincávamos e escondíamo-nos aqui. E tinha também aqui guardado o meu tesouro. E livros e brinquedos. Devem estar ainda por aí em qualquer canto.

RICARDO: Tudo à volta tem um ar de mistério. Imagino o que vocês poderiam imaginar quando andavam por aqui. Nunca tive nada assim.

ROSÁRIO: Tens pena?

RICARDO: Não, pena não tenho. Mas penso que realmente teria sido diferente.
(A luz apaga-se)

RICARDO: Que foi?

ROSÁRIO: Nada! Às vezes acontece. *(Bate com os pés no chão afastando-se um pouco)*

RICARDO: Onde estás?

ROSÁRIO: Podes ver no escuro como os gatos?

RICARDO: Não, não posso.

ROSÁRIO: Eu estou a ver-te.

RICARDO: Não brinques. Foste tu que apagaste a luz.

ROSÁRIO: Não, não fui.

RICARDO: É um jogo?...

ROSÁRIO: Não! *(Bate com os pés)* Às vezes acontece... A luz já volta. Foi sempre assim.

RICARDO: Se te convences que me assustas...

ROSÁRIO: Tem calma...

RICARDO: Porra!...

ROSÁRIO: Que foi?

RICARDO: Magoei-me! Bati com o joelho não sei onde.

ROSÁRIO: Foste mexer-te, para quê?

RICARDO: Sei lá! Sei é que dói que se farta...

ROSÁRIO: Desculpa! A culpa foi minha. Eu é que te trouxe...

RICARDO: Disparate! Eu não via nada!

ROSÁRIO: Tenho pena. Juro...

(A luz volta)

ROSÁRIO: Vês? Eu não te dizia... Onde foi?...

RICARDO *(agarrando o joelho)* — Foi neste.

ROSÁRIO: Deixa-me dar-te uma massagem.

RICARDO: Devias era beijar-me onde me dói.

ROSÁRIO: Não foi nada. E temos tempo para brincar às escondidas...

RICARDO: Ou aos hospitais... Vai ali para debaixo da luz... Estás uma beleza...

ROSÁRIO: O quê?

RICARDO: Gosto de te ver assim...

ROSÁRIO: Também gosto de te ver.

RICARDO: Podes apagar as outras luzes? De forma a que só fiquem acesas estas?... *(indica as que estão mesmo por cima)*

ROSÁRIO: Posso? *(Executa e volta ao seu lugar)*

RICARDO: Assim tu vês-me e eu vejo-te! E tudo o resto se encontra envolto em escuridão...

ROSÁRIO: É o que conta. Nós.

RICARDO: Mas tu estás em vantagem!

ROSÁRIO: Por que dizes isso?

RICARDO: Porque estás a jogar em casa. Porque tens todo o teu passado à tua volta e eu não.

ROSÁRIO: Gosto de olhar para ti.

RICARDO: E eu gosto que olhes para mim. E gosto de te olhar. Podias despir-te...

ROSÁRIO: Estou bem assim...

RICARDO: Vejo qualquer coisa de diferente nos teus olhos que nunca tinha notado. Estão mais brilhantes... Anda para junto de mim.

ROSÁRIO: Em que é que estás a pensar, não me dizes?

RICARDO: Não imaginas?

ROSÁRIO: Tem juízo!

RICARDO: Estamos sós. Já temos idade para sabermos o que queremos. E eu quero... Eu quero-te... e sei que pensas o mesmo.

ROSÁRIO: E o que é que te leva a pensar que eu penso o mesmo?

RICARDO: Nada! Apenas pensei! Peço desculpa...

ROSÁRIO: Desculpa porquê?

RICARDO: Pelos meus maus pensamentos.

ROSÁRIO: Não tens que pedir desculpa...

RICARDO: Dói-me o joelho.

ROSÁRIO: Tira a camisola.

RICARDO: Não tenho música para fazer strip-tease.

ROSÁRIO: Tens pois! *(Acende as luzes, tira um disco de 45 r.p.m. de um canto, sopra-o para lhe tirar o pó, abre a tampa de um gira-discos, liga-o à corrente e põe o disco a tocar)* Podes começar...

RICARDO: Sabes bem que sempre foi a minha especialidade fazer strip-tease... E o meu sonho também.

ROSÁRIO: E o meu! Especialmente para ti.

RICARDO *(Dançando e tirando a camisola desastradamente)* Se me constipo, já te aviso que tens de me aguentar na cama três dias.

ROSÁRIO: Já não era a primeira vez. Agora o resto...

RICARDO: Ainda não! Agora tu.

ROSÁRIO: Tem calma (*O disco, riscado, fica a tocar no mesmo sítio. Começa a dançar, vai dar uma pancada no gira-discos e também a dançar despe a camisola*)! O que é que dizes a isto? (*Pára numa pose estudada*)

RICARDO: Bravo! De profissional. Não te mexas. Por favor não te mexas!

ROSÁRIO: Está bem! Não me mexo.

RICARDO: Eu estou aqui... Tu estás aí... (*Aproxima-se*) Não! Não te mexas. (*Abraçam-se*)

ROSÁRIO: Quando te trouxe aqui acima não foi para que estivéssemos assim.

RICARDO: Não! Trouxeste-me cá acima para que fizéssemos amor ao pé do teu passado. Como se voltasses atrás no tempo...

ROSÁRIO: É bom estarmos tão perto. E o passado estar aqui também. Todas as minhas recordações...

RICARDO: E então eu? E as minhas recordações?

ROSÁRIO: Também estão aqui connosco. Recordações. Memórias. Tão distantes e ao mesmo tempo tão nossas... Mesmo as tuas daqui ausentes.

RICARDO: Não te queres despir?

ROSÁRIO: Deixa passar algum tempo... Não te apresses... Temos tempo. Quero ter todo este tempo para mim.

RICARDO: (*Abrindo uma caixa tira uma fotografia*) — Uma fotografia antiga é sempre qualquer coisa de inquietante.

ROSÁRIO: Também penso o mesmo. E quando vejo uma fotografia de alguém que não conheço, imagino logo toda uma história que estaria por detrás dela.

RICARDO: Como é aquela frase? «Uma imagem...

ROSÁRIO: ... vale mais que mil palavras.»

RICARDO: Os mudos também acham. Mas os cegos não!

ROSÁRIO: Mas se conhecemos as pessoas que estão nas fotografias parece-nos que ficam mais próximas de nós...

RICARDO: No entanto, quando vimos uma fotografia nossa é como se víssemos alguém que não conhecemos exactamente.

ROSÁRIO: Quando vejo uma fotografia minha é como, sinto-me, não sei... Quando alguém vê uma fotografia minha, isso é que eu queria dizer, é como se esse alguém ficasse a saber mais de mim.

RICARDO: As fotografias revelam parte da alma de quem é fotografado. Há povos que acreditam que quando lhes tiram o retrato lhes estão a tirar a alma.

ROSÁRIO: As fotografias também revelam em parte quem as tira...

RICARDO: Sabes como gosto de tirar fotografias... Principalmente a ti... contigo. Sinto-te... sinto o que tens de maravilhoso... mas há o silêncio...

ROSÁRIO: Ficas com a ilusão de que temos uma ligação mais forte, mais duradoura?